

O CONDUTOR DA NOVA ANGLO AMERICAN BRASIL

Por **Tébis Oliveira**

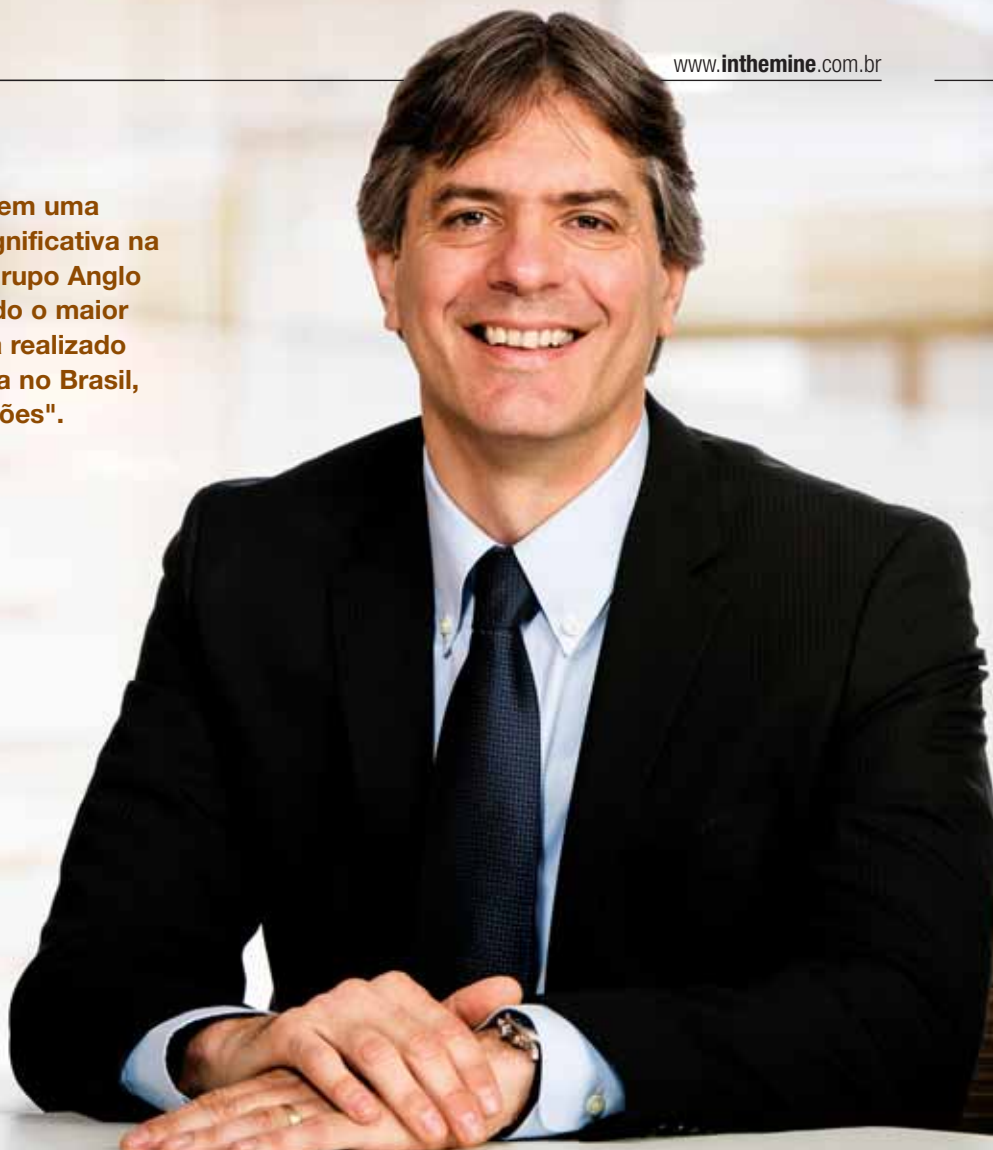
Engenheiro metalúrgico pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Ruben Fernandes atua há 28 anos no setor mineral, tempo que lhe rendeu um currículo invejável e bastante eclético. Só na Vale passou 12 anos, chegando a presidente das duas produtoras de caulim que a mineradora possuía. Entrou, então, para o comando da Fosfértil que, no último de seus cerca de três anos de permanência, já era a atual Vale Fertilizantes. Foi para a Votorantim Metais, dirigindo o negócio Zinco e, posteriormente, toda a área de mineração, incluindo as operações no Peru e Colômbia. Em 2012, tornou-se presidente das unidades de Nióbio e Fosfatos da Anglo American Brasil.

Hoje, é na subsidiária da mineradora britânica que o executivo se vê diante de uma situação inédita: realizar a transferência de ativos que, de “alternativas de desinvestimento”, como chamados pelo presidente do grupo, Mark Cutifani, se converteram em ex-ativos de fato, a novos controladores. A começar das operações de nióbio e fosfato, adquiridas em abril pela China Molybdenum. Dois meses depois, em 20 de junho, Fernandes assumiu a presidência de toda a Anglo American Brasil, que pode, assim que encontrado um comprador, desfazer-se também de suas unidades de níquel. A concentração da matriz em um core business limitado às operações de diamantes, platina e cobre colocou sob especulação o Negócio Minério de Ferro Brasil, mais conhecido como Minas-Rio, enquanto próximo ativo a ser “desinvestido”, encerrando a trajetória de 43 anos da companhia no país.

Nesta entrevista exclusiva à **In the Mine**, Fernandes garante que não. E explica: o ramp up prossegue rumo à capacidade nominal prevista no projeto – 26,5 Mtpa, não mais em 2017, mas em 2019. O custo FOB do minério está em cerca de US\$ 32/t e deve chegar à faixa de US\$ 26 a 28/t. Um programa de melhoria contínua já reduziu os custos operacionais em R\$ 200 milhões no ano passado e deve economizar outros R\$ 150 milhões neste ano. Os programas ambientais e socioeconômicos estão mantidos e já ocorrem negociações com novos superficiários para garantir o avanço futuro da lavra e a instalação de suas estruturas associadas. Otimista, o presidente acredita que o cenário mineral se desanuvie a partir de 2018, com uma relação mais balanceada entre a oferta e demanda mundial por minério de ferro. O Minas-Rio é o foco. Já não há outros.

"O Minas-Rio tem uma importância significativa na estratégia do grupo Anglo American, sendo o maior investimento já realizado pela companhia no Brasil, de US\$ 8,4 bilhões".

Foto Divulgação



ITM: Está mantida a meta de produção de 26,5 Mtpa para o Minas-Rio em 2017?

Fernandes: O Minas-Rio está em uma curva ascendente de produção. Em 2015, produzimos 9,2 Mt de minério de ferro e apenas no primeiro semestre de 2016 já alcançamos 6,8 Mt. Nossa previsão de produção para este ano é de 15 a 17 Mt. Em relação ao ramp-up, temos um cronograma contínuo do processo de licenciamento, que está ligado a um aumento progressivo da área de lavra disponível para operação. Por essa razão, em fevereiro passado revisamos o prazo para o alcance da nossa capacidade máxima de produção para 2019.

ITM: A previsão, no final de 2015, de redu-

zir o custo de caixa FOB do minério do Minas-Rio, de US\$ 60/t para US\$ 33 a 35/t, foi concretizada?

Fernandes: O intervalo de US\$ 33 a 35/t compreendia uma expectativa de média de custo unitário de longo prazo, calculada em termos reais de 2015. Atualizando esse custo para as condições de mercado atuais, estamos trabalhando com uma faixa de US\$ 26 a 28/t, também no longo prazo. Atualmente, ele está em torno de US\$ 32/t, mas nossa expectativa é que ele se aproxime gradativamente da meta, conforme o Minas-Rio continue seu ramp-up e atinja sua capacidade nominal, bem como todas as iniciativas de redução de custos sejam implementadas.

ITM: O Programa de Excelência em Melhoria Contínua integra essas iniciativas de redução de custos?

Fernandes: O Programa de Excelência em Melhoria Contínua

nua foi criado para estimular a criação de soluções para otimizar a produção, reduzir custos e perdas e aumentar a segurança do sistema. Das cerca de 200 ideias recebidas, foram implantados 79 projetos em 2015, gerando uma economia de R\$ 200 milhões. Outras 21 iniciativas foram concluídas neste ano. O resultado foi tão positivo que o programa selecionou mais 26 projetos, focados principalmente na estabilidade operacional, que é nossa diretriz estratégica para 2016. A estimativa de ganhos, nesse novo ciclo, é de R\$ 150 milhões.

ITM: Quais dessas iniciativas o senhor destacaria?

Fernandes: Temos, por exemplo, a que restabeleceu a permeabilidade das placas cerâmicas da filtragem com a aplicação de uma nova substância, recuperando sua capacidade de filtrar a polpa de minério e garantindo a produtividade do processo, um saving de R\$ 36 milhões apenas em 2015. Outro projeto reduziu a carga morta nos caminhões fora-de-estrada, que movimentam estéril e minério na área da mina, com aumento da produtividade do transporte e ganhos de cerca de R\$ 27 milhões.

ITM: Como está o licenciamento para as próximas fases do Minas-Rio?

Fernandes: Possuímos todas as Licenças de Operação (LO) referentes à Fase 1, o que nos permitiu o início da operação. Com a Autorização Provisória para Operação (APO), obtida em julho último, demos início à Fase 2, de otimização da mina e acesso a novas reservas, até que a LO seja concedida, o que deve ocorrer no segundo semestre deste ano. Já as Licenças Prévia (LP) e de Instalação (LI) referentes à Fase 3, para extensão da mina, estão previstas para o segundo semestre de 2017. A obtenção dessas licenças e o alcance da capacidade máxima de produção do Minas-Rio, ao longo do tempo, são extremamente importantes para garantir que todos os nossos stakeholders recebam os benefícios máximos da operação.

ITM: Há investimentos adicionais previstos para o Minas-Rio neste ano?

Fernandes: Não. Nosso foco é otimizar a operação no atual cenário de preços do minério de ferro, contribuindo para a geração de fluxo de caixa positivo em 2016 e nos anos seguintes. Continuamos, porém, com os programas ambientais e com aqueles voltados ao desenvolvimento

socioeconômico das comunidades vizinhas à nossa operação. Apenas na fase de implantação do Minas-Rio, entre 2008 e 2014, foram investidos R\$ 100 milhões em programas socioeconômicos nas regiões de influência direta e indireta do projeto.

ITM: Restam pendências nas negociações com superficiários nas áreas de operação do projeto?

Fernandes: A Anglo American já adquiriu ou instituiu servidões em todas as áreas de instalação das estruturas operacionais do Minas-Rio, como as da mina, mineroduto, adutora e linhas de transmissão. Estamos trabalhando na aquisição de outras, necessárias para o futuro avanço da lavra e suas estruturas associadas, o que é natural para uma empresa de mineração. Além disso, a empresa mantém um programa ativo de resolução de possíveis passivos sociais e ambientais, desenvolvido com intuito de estabelecer uma relação de confiança com a comunidade.

ITM: Quais são os planos da Anglo American para o Minas-Rio?

Fernandes: O Minas-Rio tem uma importância significativa na estratégia do grupo Anglo American, sendo o maior investimento já realizado pela companhia no Brasil, de US\$ 8,4 bilhões. No curto e médio prazo, nossa prioridade é reduzir custos e aumentar a produtividade, visando à continuidade do negócio de forma sustentável. Já no médio e longo prazo, vamos trabalhar para obter as licenças necessárias e atingir a capacidade máxima de produção em 2019, além de fortalecer nosso relacionamento com os stakeholders e continuar contribuindo de maneira positiva e sustentável para a população vizinha ao empreendimento.

ITM: Como está a aprovação da venda dos negócios de nióbio e fosfatos?

Fernandes: Conforme anunciado em 28 de abril, o Grupo Anglo American chegou a um

acordo com a China Molybdenum Co. Ltd (CMOC) para vender seus negócios de nióbio e fosfatos. A transação está seguindo o cronograma acordado e é condicional às habituais aprovações regulatórias da República Popular da China. A previsão é que seja concluída neste segundo semestre. Até lá, os negócios continuam sendo gerenciados da mesma forma de hoje.

ITM: Qual é a produção atual dessas operações?

Fernandes: Em Catalão e Ovidor (GO), houve uma paralisação planejada em maio para implementar o projeto Debottlenecking (desgargalamento), de melhoria e adequação da planta de metalurgia para suportar o aumento de produção dos projetos BVFR e Escalpe. Como resultado dessas melhorias, em junho, a Anglo American registrou o recorde de produção de 1,2 mil t. Em todo o semestre foram produzidas 2,6 mil t de nióbio. No mesmo período, a produção de fosfatos foi de 691,1 mil t de concentrado, 152,7 mil t de ácido fosfórico, 560,8 mil t de fertilizantes e 73 mil t de fosfato bicálcico - DCP.

ITM: E quanto à área de níquel?

Fernandes: No primeiro semestre deste ano, houve um aumento de 72% na produção de níquel, em relação ao mesmo período de 2015, atingindo 22,3 mil t. A reforma dos dois fornos da operação Barro Alto (GO), que agora operam próximos à capacidade nominal, permitiu a produção de 17,7 mil t. Já a produção na Codemin, em Niquelândia (GO), ficou em 4,6 mil t. Nossa estimativa de produção para o ano como um todo está entre 45 mil e 47 mil t.

ITM: Está mantida a intenção de venda dessas operações?

Fernandes: Como indicado em 16 de fevereiro passado, o Grupo Anglo American está progredindo em uma série de processos para avaliar o potencial valor de desinvestimento

de alguns dos seus ativos não-centrais, incluindo o negócio Níquel. Qualquer decisão final sobre venda dependerá do valor. De toda forma, permanecemos focados em atingir o pleno potencial dos nossos ativos de níquel e em fortalecer sua estabilidade operacional.

"Estamos vivendo um momento desafiador da indústria de mineração, em especial de minério de ferro, cujos preços continuam muito baixos. Mas a expectativa é de mudanças positivas a partir de 2018".

ITM: Como é ser o presidente da Anglo American Brasil neste momento?

Fernandes: Estou muito satisfeito com a oportunidade de liderar os negócios da Anglo American no Brasil e, em particular, por poder contribuir com o excelente trabalho realizado pela equipe no desenvolvimento do Minas-Rio.

Em abril deste ano, conquistamos a marca de 100 embarques de minério de ferro, e isso, com certeza, é um reflexo desse trabalho. Nosso foco será aumentar a competitividade global do Minas-Rio, oferecendo aos nossos clientes produto diferenciado e de alta qualidade.

ITM: A variação dos preços das commodities é um fator de desestabilização?

Fernandes: Estamos vivendo um momento desafiador da indústria de mineração, em especial de minério de ferro, cujos preços continuam muito baixos e, de acordo com os analistas de mercado, não vão melhorar no curto prazo. Apenas neste ano, já tivemos uma variação de 60% nos preços. Mas acredito que esse período crítico vai passar. Em 2016 e 2017, acredito que ainda teremos um cenário mais difícil, mas a expectativa é de mudanças positivas a partir de 2018, quando poderemos ter uma relação entre oferta e demanda por minério de ferro mais balanceada. Na minha opinião, a China vai retomar o crescimento, mesmo que não seja nos mesmos patamares de anos anteriores, impulsionando a economia global e do Brasil.

ITM: Quais foram as principais ações de sustentabilidade do Minas-Rio?

Fernandes: Por meio de convênios, cerca de R\$ 400 milhões foram investidos em infraestrutura e mobilidade urbana, habitação, água e saneamento, saúde e bem-estar, segurança pública e educação na região de atuação do Minas-Rio. Um exemplo é a instalação do Senai em Conceição do Mato Dentro (MG), que já formou quase 600 profissionais através do Promova (Programa de Desenvolvimento de Fornecedores Locais) e o Crescer, que oferece oficinas de capacitação e assessoria presencial para produ-

PERFIL

Nasceu em Belo Horizonte (MG), em 22 de junho de 1965

Mora em Belo Horizonte (MG)

Formação Acadêmica: Engenharia Metalúrgica pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e MBA pela Universidade de São Paulo (USP)

Trajatória Profissional: Possuo 28 anos de experiência na indústria de mineração. Antes de começar a trabalhar na Anglo American em 2012, fui diretor de Mineração da Votorantim Metais, responsável por projetos e atividades de exploração em todo o mundo, bem como operações no Peru e na Colômbia. Entre 2009 e 2011, fui diretor de Operações da Vale Fertilizantes, responsável pelas operações de fertilizantes, vendas e marketing. Também presidi as empresas Kaolin - Pará Pigmentos e Cadam - duas subsidiárias da Vale, entre 2007 e 2009, e ocupei diferentes cargos de análise, marketing e projetos nos negócios de Metais Básicos da Vale, onde ingressei em 1999. Entre 1988 e 1998, ocupei diversas posições de liderança na indústria de ligas especiais.

Família: Casado, um filho e uma filha

Hobby: Cozinhar e correr

Um mestre: Winston Churchill

Uma definição para a mineração: Arte de extrair metais e minerais, de forma sustentável, transformando-os em riqueza para o bem estar de todos

Um “conselho” a jovens engenheiros metalúrgicos: Parafrazeando o meu mestre, “para vencer batalhas, procure sempre fazer mais que o seu dever”

tores rurais e urbanos aprimorarem seus processos de negócios. Além disso, está em curso, desde 2013, o Programa de Reestruturação Produtiva, de readequação da capacidade produtiva das famílias reassentadas. Uma rápida análise dos indicadores sociais da região do empreendimento mostra que todas as dimensões sociais avançaram em níveis superiores aos do estado de Minas Gerais e à média nacional.

ITM: E nos outros estados onde a companhia atua?

Fernandes: Em Catalão e Ouidor, em Goiás, e na Baixada Santista, em São Paulo, temos projetos socioambientais que, por meio de leis de incentivo fiscal e investimento privado, beneficiam de forma direta mais de 20 mil crianças, adolescentes, adultos e idosos. Destacam-se projetos de educação ambiental e geração de renda como o Conexão Sustentável - Cultura e Sustentabilidade, em Catalão e Ouidor; Fábrica de Sabão, em Catalão, e Água e Gestão, conduzido pela Secretaria Municipal de Meio Ambiente de Ouidor. Outro exemplo é o “Programa Avançar”, com oficinas de capacitação e consultoria para a comunidade local, visando estimular negócios para atender às demandas na região. O programa foi concluído em Barro Alto e já passou por Catalão e Ouidor. Temos também o Reciclando para Mudar, da Associação dos Catadores de Material Reciclável da Baixada Santista

ITM: Qual é sua avaliação da mineração no Brasil em termos de legislação regulatória e ambiental?

Fernandes: É muito difícil opinar sobre o novo Código de Mineração porque existem várias versões de texto em processo, ou seja, a discussão ainda está em curso. No entanto, acredito que, independentemente das mudanças que venham a ocorrer na legislação, o setor precisa de uma entidade regulatória forte e bem estruturada, bem como de maior segurança jurídica e estabilidade para fazer os investimentos necessários no longo prazo. No âmbito ambiental, existe uma questão muito desafiadora para as empresas que são as definições de competências. Os licenciamentos ambientais do Minas-Rio, por exemplo, envolvem entidades públicas nas três esferas de poder. Isso deixa o processo muito complexo e bastante complicado em relação aos prazos. ■